

Uma história sem vítimas

Greyce Kely Piovesan¹

As mulheres começam a respeitar seu próprio sentido dos valores. É por esta razão que a substância de seus romances começa a mostrar certas mudanças. Parece que as mulheres que escrevem estão menos interessadas por si próprias e mais pelas outras mulheres. No início do século XIX, os romances de mulheres eram em grande parte autobiográficos. Uma das razões que as impulsionava era o desejo de descrever seu próprio sofrimento, de defender uma causa própria. Agora que este desejo não é mais tão imperioso, as mulheres começam a explorar o mundo das mulheres, a escrever sobre as mulheres como nunca se escreveu antes, pois, até época bem recente, as mulheres na literatura eram, certamente, uma criação dos homens. (Virgínia Woolf 1822-1941)

Em meio às discussões sobre a existência de uma literatura singularmente feminina a reflexão de Virgínia Woolf faz pensar sobre a produção literária contemporânea. A nova geração de escritoras no Brasil mostra um pouco desta especificidade de uma escrita feminina, não aquela das narrativas de vidas reprimidas e estereótipos de um mundo herdado de outras gerações nem mesmo aquelas do compromisso militante de uma escrita combatente feminista. Apesar de reconhecíveis os traços de uma escrita de mulheres, também é visível as três tendências principais que Karl Erik Schollhammer² defende ter preponderado nas últimas décadas: a narrativa urbana com inclinações realistas, a persistência das encenações da subjetividade nas escritas de si e de propostas metaficcionalis questionando as fronteiras dos gêneros.

Simplificando pela objetividade poderíamos encaixar o livro *Azul e Dura* de Beatriz Bracher na

segunda tendência: uma escrita de si subjetiva, do gênero feminino. Depois de uma trajetória de contato com outros livros como co-fundadora da Editora 34, Bracher lançou em 2002 este que foi seu primeiro livro de romance. A inserção no meio intelectual já estava dada quando a paulistana de classe média alta (como ela própria se definiu em entrevista ao programa “Entrelinhas”) circulava nas sociabilidades intelectuais contemporâneas e conhecia tão bem este mercado de bens simbólicos. Mas explicar a obra pelo autor ou o autor por sua obra é tarefa inútil em tempos de sepultamento autoral.

Diferente do contexto das décadas de 1960 e 1970, que fora caracterizada pela forte divisão ideológica, a chamada nova geração de 90 e 00 da literatura brasileira tem se caracterizado por se fazer em três circuitos fundamentais: o midiático, o crítico e o da vida literária propriamente dita, dos locais de sociabilidade literários. É uma literatura que se relaciona e se mescla com outras esferas da cultura e circula em suportes virtuais.³ Os livros de Bracher⁴ trazem elementos do cinema, algumas cenas são descritas em forma de roteiro em que as frases curtas lembram a passagem rápida das cenas nas telas. Apesar de não gostar da exposição, o sucesso de venda de seus livros e a vontade de que sejam mais lidos fazem a autora aparecer nos eventos literários ou em entrevista. Sua última publicação é o livro de contos *Meu amor*, que repete alguns temas de seus romances mas vai mais fundo no realismo afetivo, com cenas de violência urbana e sexual, sem deixar a singularidade de uma escrita marcada por traços do mundo feminino.

Já na primeira página de *Azul e Dura* a narradora, Mariana, traz elementos do mundo feminino: “Quando terminei, senti-me como depois de fazer depilação, poderia passar muito tempo sem pensar no assunto, um tempo infinito até os pelos crescerem de novo.” Esta sensação de alívio talvez toque fundo apenas no entendimento das leitoras mulheres que experienciam esta

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente trabalha com História da Leitura e Intelectuais. E-mail: greycek2002@yahoo.com.br

² SCHOLLHAMMER, Karl Erik. “À procura de um novo realismo. Teses sobre a realidade em texto e imagem hoje”. In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Orgs.). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

³ MORICONI, Ítalo. Circuitos contemporâneos do literário (indicações de pesquisa). *Gragoatá*, Niterói-RJ, n. 20, 2006/1, p. 153.

⁴ Publicou *Azul e dura* (2002), *Não falei* (2004) e *Antonio* (2007).

sensação de sacrifício cumprido, mas que não tarda a ser novamente necessário.

O livro traz a história de uma dona de casa de classe média alta, mãe de dois filhos que inicia sua história desarrumando malas e arrumando outras para viajar para a Suíça. A protagonista e narradora da história, ao levar os filhos para a escola, atropela Nicole, uma menina de cadeira de rodas empurrada por seu padrasto. Quando jovem Mariana envolveu-se com o cinema e com seus colegas cineastas buscando romanticamente a arte na miséria. Apesar de divertido, para seu universo social aquilo não era ruim, era simplesmente errado, não podia existir. E seu futuro promissor como cineasta terminara com o casamento com Jorge, um bem sucedido advogado com parentes influentes politicamente que vivia em contato com o mundo real, era parte ativa do mundo existente, diferente de Mariana que fazia parte do pensamento sobre o mundo. Com o tempo o tesão passou a ser tensão e o acidente rompeu de vez a harmonia artificial que mantinha a relação.

Mariana tem a necessidade de escrever parte de sua trajetória para se libertar dessa e de outras memórias que não queria mais carregar e encontrar uma verdade necessária para existir, não apenas coerência. “Uma história que se feche, uma teoria que se prove, um discurso que se abra.”⁵ E com este intuito a narradora vai, através da escrita, dissolvendo a cartilagem do passado numa espécie de catarse na reelaboração do acontecido. A narradora sustenta a história adiando a última história de si mesma: são as três semanas que tem para arrancar o passado e voltar à paz ou ao menos a vida exterior.

O livro não segue um tempo linear dos fatos que pretende contar. Segue o fluxo de um esforço de lembrança, o passado vai sendo narrado a partir de evocações do presente. É o tempo fragmentado da memória em que o período do acontecimento não é o mesmo do vivido. A passagem do tempo na narrativa está também marcada por elementos do mundo feminino. De forma sutil a narradora tem uma mudança na sensibilidade e no tratamento das memórias que vem surgindo conforme seu ciclo menstrual tem andamento. A segunda semana após uma limpeza pesada na casa inteira, irritação e muito álcool, uma revisão do que foi escrito nessa última semana de tensão pré-menstrual a deixa insatisfeita: “É a escrita feminina no que ela tem de pior. Miúda, subjetiva, vaga. Não se pode segurar nada [...] Fiquei

menstruada anteontem, enquanto relia essa coitadinha.”⁶ A escrita das próximas duas semanas é mais enxuta, menos carregada de sentimentalismo. É neste momento que Mariana sai do mundo do sentir e pensar para o corpo e para o chão, para as ações. É neste momento que a história se torna mais dinâmica. Vem o depoimento, o julgamento, a separação conjugal, a mudança para São Paulo, o desfecho.

A vida de Mariana parecia tão boa e tão feliz: jantares com amigos, boas roupas, boa comida, filhos saudáveis, viagens de férias, estantes planejadas, esposa importante de um marido importante, detalhes da casa organizados impecavelmente. Mas os jantares eram enfadonhos, os filhos cresceram, as estantes caíram, o marido traiu e Mariana sentia-se um apêndice inútil no mundo. Suas atividades não eram tão necessárias assim para o funcionamento da casa e da família. O acidente com Nicole desfez tudo que era tão correto. É esta tragédia que perpassa toda a narrativa e justifica sua existência. É nela que se desdobra o sentido e o sentimento da história. Sem ela restaria a história de uma mulher que por falta de sentir-se útil vai se tornando legalista com os pequenos incômodos de uma vida burguesa como o coco do cachorro nas calçadas, o planejamento dos móveis e a correta maneira de se amarrar os sacos de lixo. Uma mulher a que as contravenções impulsionavam a continuar sua missão. Uma mulher que só tinha identidades advindas de suas relações familiares e que ao perder o que parecia tão seguro mergulha em quadros depressivos. Não passaria de uma crônica familiar rapidamente narrável. Mas é a escrita que dá o tom de realidade a esta mulher com papéis sociais tão definidos por uma sociedade patriarcal burguesa. A profundidade e a autonomia da protagonista estão em seu papel de escritora.

O ponto que liga a vida de Mariana a vida real é a menina da cadeira de rodas e o acidente. Não é sua juventude de moça rica na favela em busca de experiências antropológicas nem a mulher rica em seu mundo legalista. É o acidente que perpassa e mantém o leitor até o final do livro atento ao desfecho.

Buscar chaves de entendimento da obra no autor acaba por limitar a interpretação e a própria leitura, mas é ao menos instigante pensar que Bracher pertence à mesma classe de sua protagonista. Talvez por isso sua vivência tenha dado

⁵ BRACHER, Beatriz. **Azul e dura**. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 13.

⁶ Idem, p.73.

conta de uma narrativa tão íntima e a criação de uma personagem que às vezes parece tão verdadeira e outras, tão falsa, inexistente no mundo de verdade. Mas não é pelas lacunas de representação do real que o livro serviria apenas como entretenimento. Além das reflexões sociais incitadas também é uma narrativa tocante sentimentalmente na elaboração do cotidiano.

Num momento em que grande parte da literatura mais vendida foge da discussão política, *Azul e Dura* se move sobre o pano de fundo do confronto entre classes sociais, que a autora trata de forma crua sem sair em defesa de uma ou outra. A narrativa também coloca os jogos de poder que se tramam no envolvimento entre justiça e política. Mas não há vítimas. Nicole, a menina atropelada é descrita com asco, não merecia viver daquele jeito. O pai, um velho bêbado que não cuidava da filha também não merecia ter ganhado o julgamento. Mariana, a protagonista depressiva e alcoólatra com seu desinteresse pela vida besta de esposa de marido importante tem de certa forma seu final feliz: o fim da viagem é o fim de sua escrita que purga o passado de seu corpo e de sua inquietação. Assim não sobram culpados. Nem a pobre mulher rica.

A mala, azul e dura, é re-arrumada para a volta para casa, para a volta ao presente. E se no início do texto Mariana se perguntava se depois de escrever tudo, algo de si restaria, ao que parece, restou.

Resenha recebida em 01.08.2010.

Resenha aprovada em 01.12.2010.